

6

Análise dos dados

O presente capítulo é composto pela análise de cada um dos instrumentos empregados na pesquisa, alocados separadamente em subcapítulos: questionários, redações (grupos de controle e grupo alvo) e atividade complementar; apontando resultados comparativos entre os dois últimos.

6.1

Os questionários

A primeira amostra analisada tem origem nos questionários-filtro preenchidos durante os anos de 2005-2006⁷⁷ por alunos dos cursos de Português para Estrangeiros⁷⁸ (Portuguese for Foreigners) da CCE – Coordenação Central de Extensão e da CCCI – Coordenadoria Central de Cooperação Internacional, ambos oferecidos pela PUC-Rio. Esses cursos são frequentados por pessoas de diversas origens, idades e objetivos, sendo que a principal diferença entre os inscritos pela CCE e os inscritos pela CCCI é que estes últimos são alunos da própria PUC (graduação, especialização e pós-graduação), em geral intercambistas, que precisam aprender o português para assistir às aulas das outras disciplinas e obter o desempenho esperado.

No total, foram recolhidos 428 questionários na PUC-Rio, tendo sido: 80 em jan-fev/05; 66 em 2005.1; 87 em 2005.2; 69 em jan-fev/06; 64 em 2006.1; e 62 em 2006.2. Desses, a maioria relativa, aproximadamente 40,65% (174 questionários), representa os alunos de língua materna inglesa; seguidos de 15,42% (66 questionários) de língua materna espanhola e 10,75% (46 questionários), francesa; os demais 33,18% (142 questionários) são bem variados quanto à língua-mãe, figurando em maior número as seguintes: alemão,

⁷⁷ Mais precisamente, nos períodos de jan-fev/05 (intensivo 2005 de verão), mar-jun/05 (2005.1; regular), ago-nov/05 (2005.2; regular), jan-fev/06 (intensivo 2006 de verão), mar-jun/06 (2006.1; regular) e ago-nov/06 (2006.2; regular).

⁷⁸ O curso de Português para Estrangeiros, tanto pela CCE quanto pela CCCI, compreende cinco níveis: I – Iniciante; II – Intermediário 1; III – Intermediário 2; IV – Avançado 1; e V – Avançado 2.

norueguês, sueco, italiano, japonês, holandês, chinês e bilíngues em geral. Observe-se que essas porcentagens podem variar de período em período de curso, mas não tão significativamente a ponto de invalidar as proporções⁷⁹.

Considerando a amostra acima como representativa do universo de estrangeiros que vêm ao Brasil aprender o português, percebe-se a importância de serem estudadas mais a fundo as dificuldades particulares dos falantes nativos de língua inglesa, dado que contabilizam quase metade do conjunto. Aliado a isso está o crescente interesse dos falantes de inglês, especialmente oriundos dos EUA, pelo aprendizado do espanhol – como exhaustivamente explicado no capítulo de Introdução –, o que acarreta o aumento de alunos norte-americanos que chegam ao Brasil para aprender o português já possuindo algum conhecimento de outra língua latina. A partir dos questionários, verifica-se que do total de falantes de inglês como língua materna, mais da metade (63,79% ou 111 questionários) já estudou a língua espanhola.

A segunda amostra compreende questionários preenchidos por alunos de graduação (*undergraduates*) do *Portuguese Language Program*, oferecido pelo *The Department of Portuguese and Brazilian Studies*, da *Brown University* (Providence, RI, USA); e do *Bachelor of Arts - Portuguese*, curso do *Department of Modern Languages* da *Florida International University - FIU* (Miami, FL, USA).

Nessas universidades, obteve-se um total de 82 questionários, sendo 63 em Brown e 19 na FIU. Desses, grande parte – como era de se esperar – consistia em falantes nativos do inglês (64,63% ou 53 questionários), que, somados aos bilíngues de inglês-espanhol (10,98% ou 9 questionários) e de inglês mais outro idioma diferente do espanhol (4,88% ou 4 questionários), formavam a esmagadora maioria (80,49% ou 66 questionários), contra uma minoria de falantes de língua-materna espanhola (15,85% ou 13 questionários) e pouquíssimos de outras línguas nativas (3,66% ou 3 questionários).

Vale salientar, também, que de todos os respondentes com inglês L1 (total de 66, incluindo os bilíngues), menos de 1/3 (30,30% ou 20 questionários) nunca aprendeu o espanhol; e que, dos restantes 2/3 (69,70% ou 46 questionários), a

⁷⁹ Até a qualificação, ou seja, antes de computar os alunos do período 2006.2, por exemplo, os índices eram de 42,35%, 13,4%, 11,5% e 32,75%, respectivamente – muito próximos aos atuais.

grande maioria (82,61% ou 38 questionários) o adquiriu como segunda língua ou concomitantemente ao inglês⁸⁰.

Tais perfis, juntamente com os da amostra anterior – num total final de 510 questionários –, contribuíram para formar os grupos linguísticos da tese.

6.2

As redações: Grupo 1 (IL1 e PL2) e Grupo 2 (EL1 e PL2)

O presente subcapítulo se concentrará nas redações dos dois grupos de controle – falantes apenas de inglês L1 e falantes apenas de espanhol L1, aprendizes do português L2 –, evidenciando a (in)adequação⁸¹ no uso da regência/transitividade verbal, com o objetivo de alcançar uma matriz de transferências, tanto para o primeiro quanto para o segundo grupo. Essas matrizes (ou padrões) serão o ponto de partida para a análise de dados do terceiro grupo – grupo-alvo da pesquisa, formado por falantes de inglês L1 e espanhol L2, aprendendo o português L3 –, cujos esclarecimentos serão dados no momento apropriado.

A análise das regências nos grupos de controle acompanhará o seguinte procedimento: após leitura criteriosa dos textos, os trechos destacados – por conterem desvios de regência ou contrastes evidentes entre os dois perfis linguísticos – serão transcritos exatamente (*ipsis litteris*) como foram produzidos pelos aprendizes e agrupados por casos semelhantes; em seguida, os usos inadequados ou de maior interesse serão sublinhados e estudados à luz de comparações entre as línguas – portuguesa e inglesa no Grupo 1 e portuguesa e espanhola no Grupo 2 –, enfocando as transferências entre elas, com base nos dicionários/gramáticas/manuais de referência (vide 5.2.2). Ao final, chegar-se-á a um padrão de traduções literais das preposições regidas, as matrizes, a partir do confronto e da sistematização dos problemas recorrentes.

Enfim, a análise das redações se inicia pelo Grupo 1 (6.2.1), segue pelo Grupo 2 (6.2.2) – aproveitando-se de parte das explicações do grupo anterior e

⁸⁰ Essa aquisição/aprendizagem simultânea refere-se aos casos de espanhol em casa e inglês na escola/rua/sociedade (e vice-versa) ou pai falante do inglês e mãe falante do espanhol (e vice-versa), além de outras possibilidades.

⁸¹ A análise levará em conta não somente a linguagem culta, mas também a coloquial – Luft (2002), Fernandes (2003) e Borba (1991) abrangem ambos os registros do português.

acrescentando outras –, para, então, com base nas matrizes encontradas nesses dois grupos (6.2.3), ter seus resultados contrastados com os do Grupo 3 (6.3).

6.2.1

Grupo 1: inglês L1 e português L2

Neste grupo (IL1 e PL2), o que vai importar é a influência causada pelo inglês sobre o português no uso da RV, sendo destacados os problemas mais comuns. Tomando como base as cerca de 90 produções recolhidas – vide Anexo 5: transferências do Grupo 1 (IL1 e PL2) –, enviadas por 18 alunos deste perfil, foi possível agrupá-los nos seguintes tipos de verbo (ou verbos-chave⁸²):

GOSTAR [+ de]:

Exemplos: “Ele gosto italiano comida.”; “Eu gosto fazer muito coisas: andar, ler a livro bom, (...)”; “(...) antes que venha aqui porque eu gostaria organizar minha casa.”; “tudo que eu gostava ou não tinha o tamanho certo ou cor ou preco...”; “Mas eu não gostei como a loja tratava a gente.”

Explicações: Este é um problema muito comum entre os estrangeiros de língua materna inglesa aprendizes do português: a tradução direta da regência do verbo ‘to like’, que não pede qualquer preposição, para o seu correspondente em português ‘gostar’, ignorando o acompanhamento obrigatório do ‘de’⁸³. De acordo, por exemplo, com Luft (2002, p.315), o verbo é transitivo indireto, vindo sempre acompanhado da preposição ‘de’. Exceção a isso seria no sentido de provar, saborear, experimentar: “Gostei a carne e verifiquei que estava salgada.”, o que, além de quase não ser utilizado, não coincide com a intencionalidade das frases acima exemplificadas.

Apenas por uma questão de nomenclatura, Fernandes (2003, p.365) classifica o mesmo verbo ‘gostar’ como relativo (cf. Rocha Lima, 2001; Bechara, 1999): “*Relativo* – Achar bom gosto ou sabor: ‘Gosto muito de melão’ (Constância)”. O autor chama a atenção para a possibilidade de, regendo objeto

⁸² Para a classificação dos verbos-chave, foi preciso utilizar dois critérios: funcionalista e semântico; daí a falta de padronização na nomenclatura (ora com características funcionais, ora semânticas).

⁸³ Com oração relativa/completiva, a preposição é facultativa (pode ser elidida) no uso coloquial, mas não na linguagem mais culta.

oracional, o verbo ‘gostar’ poder aparecer sem a preposição: “Eu gosto que os soldados da República, antes de valorosos, sejam honrados”; que é o mesmo caso da última frase elencada.

Seguindo a linha da Gramática de Valências, Borba (1991, p.797) explica que o verbo ‘gostar’ indica estado e é usado “1. Com sujeito experimentador expresso por nome animado. 1.1 Com complemento da forma de + nome indicativo de algo comestível/bebível, (...) 1.2. Com complemento da forma de + nome animado, (...); Com complemento da forma de + nome não animado, (...); 1.4 Com complemento da forma de + oração infinitiva/conjuncional (com verbo no subjuntivo), (...)”. Portanto, é verbo bi/divalente⁸⁴, isto é, que seleciona dois argumentos, com exigência da preposição ‘de’ para introduzir o segundo deles (cf. Borba, 1996).

PRECISAR/NECESSITAR [+ de]:

Exemplos: “Quando eles precisam dinheiro, eles fazem sem problemas.”; “(...), logo estas pessoas vão a banco Central e ali dan as moedas que precisa o Banco.”

Explicações: O verbo ‘precisar’ – e sua variante ‘necessitar’ – causam confusão nos aprendizes porque eles fazem traduções a partir da transitividade direta do verbo em inglês ‘to need’. Pela regência do português, conforme Luft (2002), além de intransitivo, o verbo ‘precisar’ pode ser transitivo direto ou indireto: “precisamos (de) dinheiro com uma certa urgência”. Entretanto, ele observa: “A pesquisa de Lessa (p.199-201) mostra que no Brasil, ‘pelo menos em nossos dias, o mais usual é preposicionar-se o complemento, se este é um substantivo, e, ao revés, omitir a preposição, se a *precisar* segue-se um infinitivo’ (p.201)” (Luft, 2002: 412). O mesmo vale para o verbo ‘necessitar’: “**1.TD:** *necessitá-lo* ou **TI:** *necessitar de...* Ter ou sentir necessidade (de); carecer; precisar: ‘*Necessito dinheiro. Necessito-o. Necessito de dinheiro. Necessito dele. Necessito viajar. Necessito de viajar*’ (Jucá). *Ele necessita (de) repouso; necessita (de) repousar. (...)*” (Luft, 2002, p.377).

Segundo Borba (1991, p.1037), na acepção dos exemplos acima, ‘precisar’ indica estado e vem da seguinte forma: “1. Com sujeito inativo expresso por nome

⁸⁴ A grande maioria dos verbos listados na análise é desse tipo (di/bivalente), variando apenas quanto à preposição mais adequada.

e com complemento, apagável, expresso por nome ou por oração conjuncional/infinitiva, precedidos ou não por *de*, (...); mas ao ser classificado – no sentido de carecer, ter necessidade – como relativo, o verbo não pode prescindir da preposição ‘*de*’, como exemplifica Fernandes (2003, p.471): “‘Preciso de livros, de dinheiro.’ (J. Nogueira, *Usual*, 109.) ‘Todo o drama e todo o romance precisa de uma ou duas damas.’ (Garret, *Viagens*, I, 29) ‘Essa classe opulenta não precisava para isso *de* pertencer à raça judaica.’ (Herculano, *H. Inquisição*, I, 122)”.⁸⁵

ASSISTIR [+ a/ø]:

Exemplos: “(...) e tinhamos bilhetes para assistir competicoes de basquete, beisebol (...)”; “sentamos e assistimos o filme de novo, pq (...)”; “Enfim, foi um daqueles filmes bobinhos que sao legais de assistir pq tiram vc da realidade.”; “(...), escolhemos o capitulo certo no DVD, e assistimos aquela parte.”

Explicações: Aqui a regência do inglês acaba dando mais força à regência informal do português, ou seja, os verbos ‘*to see*’ ou ‘*to watch*’, que não exigem qualquer preposição, imprimem sua transitividade direta ao verbo ‘assistir’ – diferentemente do que vai ocorrer no Grupo 2, com os falantes de língua materna espanhola optando preferencialmente pelo uso da preposição ‘*a*’.

Luft (2002, p.79) descreve seus vários usos, enfocando o dos exemplos acima: “//2. **TI:** *assistir a ele(s), assistir a ela(s)* (OBS.²) ou **TD:** *assisti-lo* (OBS.³). **Int:** *assistir*. Estar presente; presenciar; comparecer: ‘*Vais ou não assistir aos ensaios?*’ (Nascentes). (...) **OBS.³** *Assistir a algo, a ele(s), a ela(s)* é a regência de origem, com a redundância [Prefixo *a-* Verbo + Preposição *a*]. Por pressão semântica de ‘ver, presenciar, observar’, é natural a inovação regencial *assistir algo, assisti-lo*. (...)”; e faz a diferenciação da formalidade e da informalidade de emprego: “(...) Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção [‘estar presente, presenciar’], de preferência com objeto direto (cf. *assistir o jogo, um filme*) (....) Isso não impede que, para a linguagem culta formal, se aconselhe a regência originária (*assistir a um espetáculo, a ele*) (...)”.

⁸⁵ Contudo, a última frase-exemplo de Fernandes (2003) – com o verbo ‘precisar’ seguido de oração infinitiva – é mais comumente encontrada sem a preposição ‘*de*’ no português.

Tal diferença não se encontra em Fernandes (2003, p.103), que se atém ao uso formal: “*Relativo* – Estar presente, comparecer: ‘É como se o povo assistisse a um ofício divino’ (Herculano, Lendas, II, 215).”; mas se repete em Borba (1991, p.172): “II. Indica ação, com sujeito agente e com complemento expresso por nome abstrato de ação/processo ou por oração infinitiva, precedida ou não por a. Significa presenciar, observar: as crianças assitiam emudecidas àquele grande acontecimento. (DE, 83); (...) Para matar o tempo, assisti parte do filme (BB, 92); (...)”

SAIR [+ de]:

Exemplos: “Um dia o pai saiu a cabana muito cedo para procurar por comida.”; “Nós saímos a cadeia e ela me disse que (...)”

Explicações: Como em inglês o verbo ‘*to leave*’ não exige preposição alguma em seguida, o estrangeiro de língua nativa inglesa costuma empregar a mesma regência para o seu equivalente em português, porém, segundo Luft (2002, p.472), o nosso ‘sair’ é comumente usado como transitivo indireto: “*sair de...* Afastar-se; desviar-se (do caminho, de um assunto, etc.)”. Do tipo relativo, exige a preposição ‘de’ para seu argumento de origem, como consta do verbete de Fernandes (2003, p.538): “*Relativo* – Passar (do interior para o exterior); apartar-se (de dentro para fora): ‘Saio de casa’ (B.J. Oliveira, *Gramática*, 29) ‘Sair da igreja, da sala, do banho’ ‘As frases saíam do coração com as lágrimas’ (Camilo, *Mem. do cárcere*, I, 143)”.

Concorda com eles Borba (1991, p.1212) sobre o verbo sair: “I. Indica ação, com sujeito agente. 1. Com complemento de origem, apagável, significa: 1.1 passar do interior para o exterior, ir para fora : (...) 1.2. ausentar-se, abandonar: (...) 2. Com complemento da forma de + nome abstrato, significa desviar, fugir: (...)”

ENTRAR [+ em]:

Exemplos: “E ele entra uma casa, falando que (...)”; “(...), mas os ladrões acharam uma maneira para entrar a sua casa.”

Explicações: Atente-se para a regência do verbo ‘*to enter*’, cujo complemento é um objeto direto, donde se infere que o estrangeiro faz o mesmo para o verbo ‘entrar’. No entanto, na língua portuguesa, este verbo tem regência

diversa, como mostra Luft (2002, p.255): “**Int** ou **TI**: *entrar (em...)* (OBS¹). **TD**: *entrá-lo* (OBS²). Passar ou ir de fora para dentro (de) (OBS³); introduzir-se (em): *Um homem desconhecido entrou (na sala). Inúmeros torcedores não conseguiram entrar (no estádio). ‘Em casa escura não entra alegria’ (prov.) ‘Casa onde [= em que] não entra o sol, entra o médico’ (id.) ‘Em boca fechada não entra mosca’ (id.). ‘Antes de entrar, pensa na saída’ (id.). (...)*”.

Dessas regências possíveis, a que cabe aqui é aquela com a preposição ‘em’, conforme descrevem Fernandes (2003, p.292): “*Relativo – Passar para dentro; introduzir-se: ‘Entrar em casa’ (João Ribeiro) (...)*”; e Borba (1991, p.632): “I. Indica ação. 1. Com sujeito agente expresso por nome animado. 1.1. Com locativo, apagável, significa passar de fora para dentro, ir/vir para dentro: fizeram-nos entrar entrar num caminhão (MEC, 1, 122); (...)”.

VERBOS DE DESLOCAMENTO [+ a/para]:

Exemplos com ‘para’: “O dia seguinte eu voltei para a loja com minha amiga.”; “Então o Laerte foi para a casa onde o Galdino estava (...)”; “Agora viajo sozinha. Este ano, viajei para o Brasil.”; “A dia seguinte voar para Boston onde foi encontrar minha amiga.”; “dirigi/andei ate Home Depot, e de la pra BJ’s...”; “(...), saindo andando do tumulto no caminho de terra e subindo pra ceu”.

Exemplos com ‘em’: “A proxima preocupação para o Laerte era ir na delegacia e (...)”; “Voce vai vir no Rio no proximo fim de semana?”; “Henry Meyers, something Green, Joe Oliver, e Don Bizarro vieram na casa da Cat, pq (...)”; “Finalmente, ele trabalha todos os dias, e volta em casa às seis horas da tarde.”

Explicações: O que ocorre aqui é uma variação da regência: ora o aprendiz usa o ‘para’ assumindo a função da preposição ‘a’ – o que é cada vez mais aceitável no português falado no Brasil –, atitude esta possivelmente estimulada pela interferência direta das preposições regidas em ‘*to go to*’, ‘*to come to*’, ‘*to return to* / *come back to*’ e ‘*to travel to*’ etc. – especialmente porque o ‘to’ indica direção em inglês, da mesma forma que o ‘para’, em português –; ora utiliza a preposição ‘em’ (e suas contrações com os artigos), muito provavelmente pela influência do português informal, principalmente na linguagem oral do brasileiro, que aceita a substituição da preposição mais adequada, ‘a’ ou mesmo ‘para’, por aquela. Borba (1991, p.857) contempla esse uso da preposição ‘em’ com o verbo

‘ir’: “I. indica ação com sujeito agente. 1. Com complemento de direção, apagável, significa pôr-se na direção de, deslocar-se: Quando você vai a São Paulo? (CAS, 145); (...) // No registro coloquial, o complemento de direção pode ser introduzido por em: [Roberto] ia muito na casa de Armando (ED, 108); (...)”.

Atente-se para o fato de que a preposição ‘a’ não costuma ser empregada pelos falantes de IL1 nos referidos verbos, ainda que também pudesse ser considerado como “equivalente” a ‘to’ – diferentemente do que será observado na análise do grupo de falantes de EL1. Luft (2002, p.342) explica que existe uma pequena diferença entre ‘ir a’ e ‘ir para’, o segundo estabelecendo ideia de maior permanência do que o primeiro – “Dirigir-se (para algum sítio) com intenção de lá permanecer; mudar-se: ‘Decididamente vou para o Maranhão.’ (Aulete)” (Fernandes, 2003, p.393) – mas esclarece: “Na fala brasileira, prevalece *para* (em qualquer dos dois sentidos) sobre o *a*, de pouco uso por falta de corpo fonético”.

CHEGAR [+ a/em]:

Exemplos: “Quando o Laerte chegou na delegacia tudo estava em caos.”; “Quando chegei no Brasil, encontrei um amigo novo.”; “(...) e peguei outro e demorei muito para chegar na Puc.”

Explicações: Esse é um caso interessante porque a regência do verbo semelhante em inglês, ‘*to arrive at*’, certamente reforça o uso da preposição ‘em’, que é empregada mais informalmente em português do que a preposição ‘a’, mais formal. Segundo Luft (2002, p.116), o verbo ‘chegar’, embora denote movimento, admite tanto a forma tradicional ‘chegar a’ quanto a popular ‘chegar em’ – este, por considerar que a ação de chegar já é um estado de repouso, principalmente com a expressão ‘chegar em casa’ –, como confirma Borba (1991, p.262): “(...) III. Indica ação, com sujeito agente. (...) Com complemento de direção, apagável, significa vir, atingir: (...) Cheguei em casa ainda sob o domínio dessas idéias. (CCA, 264)”. Apenas Fernandes (2003, p.143) não inclui o uso do ‘em’ na sua descrição sobre o verbo (relativo) ‘chegar’.

Chama a atenção também que, assim como nos verbos citados imediatamente antes, neste, a tendência dos falantes de espanhol L1 é diferente da dos falantes de inglês L1: os primeiros – como se verá mais adiante – preferem usar a preposição ‘a’ após o verbo ‘chegar’, influenciados pela estrutura ‘*llegar a*’, aproximando-se mais da língua culta.

VERBOS TRIVALENTES (*dicendi, dandi* e outros) & TELEFONAR [+ a/para]:

Exemplos sem preposição: “Depois do show ele ofereceu o Pinduca e a banda um contrato muito bom.”; “(...), mas ninguém perguntou ele que aconteceu.”; “Você telefone um restaurante para trazer seu janto.”

Exemplos com ‘para’: “conseguimos nos livrar de uma sacola inteira de roupas pra doar pra Goodwill (...)”; “– Chega de viver assim Dimitroff disse para se mesmo.”; “Esta hidreletrica pode fornecer um 70% de energia elétrica para Paraguai e um 40% para o Brasil.”

Explicações: Em inglês, os verbos acima aceitam duas estruturas de complementação: ‘verb + OI (sem a preposição *to*) + OD’ ou ‘verb + OD + OI (com a preposição *to*)’⁸⁶. O primeiro caso – mais comum no cotidiano da língua inglesa – gera as transferências encontradas nos exemplos sem preposição e o segundo, nos exemplos com ‘para’.

De acordo com Luft (2002, p. 219; 161), tanto o verbo ‘dizer’ quanto o verbo ‘dar’, por exemplo, são TD(I): “dizê-lo (a, para...); dizer(-lhe) algo; dizer(-lhe) que... Expressar em palavras; comunicar verbalmente; enunciar; falar: *Ele disse (aos amigos) o que sabia. Não disse nada (a ninguém). O que ele disse ao (ou para o) juiz? Disse(-lhe) que era inocente. (...)*”; “dá-lo (a...); dar(-lhe) algo. Ceder de graça; conceder; doar; presentear: *Dar livros (a alguém). Dei-lhe comida e roupa. Dei-lhe flores. (...)*”. Fernandes (2003, p. 247-248; 178-179) atribui aos mesmos a nomenclatura transitivo-relativo, dando preferência ao uso com a preposição ‘a’; entretanto, o falante de inglês L1 prefere o ‘para’ por associação ao ‘to’ – diferentemente do falante de espanhol L1, que tenderá a usar o que é preferido no português mais culto (compare com o caso dos verbos de deslocamento).

Para Borba (1991, p.532; 364), ‘dizer’, nas acepções dos exemplos acima, “I. Indica ação com sujeito agente, (...) 4. Com dois complementos: um expresso por nome abstrato ou por oração, e outro, destinatário, apagável, da forma a, para + nome humano, significa 4.1. enunciar, declarar oralmente ou por escrito: *O que teria Eulália dito ao meu pai?* (DM, 226) (...)”, assim como ‘dar’ “I. Indica ação-

⁸⁶ Murphy (2004) observa, no entanto, que não se usa a estrutura com o ‘to’ nos verbos ‘answer/ask’, ‘thank’ e ‘phone/telephone/call’; por isso, só podem figurar como transferência do inglês no primeiro bloco de exemplos, ou seja, sem preposição.

processo. 1. Com sujeito agente. 1.1 Com dois complementos: um expresso por nome concreto e outro, beneficiário, apagável, da forma a, para + nome animado, significa 1.1.1. presentear ou obsequiar com, doar: *Ele só dava a cada candidato três folhas de papel higiênico* (CF, 52); (...) 1.1.2. oferecer: *Dou-lhe quanto quiser* (MA, 105); (...) 1.1.3. ceder: *Dei a ele esse rifle* (CAN, 201); (...) 1.1.4. ministrar: *Dê o elixir para ela, Gumercindo* (VD, 72); (...) 1.2 Com dois complementos: um expresso por nome abstrato e outro, destinatário, da forma a + nome humano, significa 1.2.1. conceder, outorgar: (...); 1.2.2. atribuir: (...); 1.2.3. proporcionar, permitir: (...) 1.4. Com dois complementos: um expresso por nome indicativo de tempo, e outro, da forma a, para + nome abstrato de ação, significa destinar, consagrar: (...)”

O verbo ‘pedir’ se assemelha aos anteriores, mas com algumas particularidades: “I. Indica ação com sujeito agente. 1. Com dois complementos, apagáveis, um, destinatário da forma a/para + nome humano e o outro expresso por oração conjuncional em discurso direto/indireto ou por oração conjuncional ou oração infinitiva introduzida por para ou por nome abstrato resultante de nomilização da oração.” (Borba, 1991, p.988). ‘Agradecer’, por sua vez, “I. Indica ação com sujeito agente e com dois complementos, apagáveis: um beneficiário, da forma a + nome humano e outro expresso por nome/oração infinitiva precedidos ou não de por.” (Borba, 1991, p.68). O último da lista, ‘telefonar’, “Indica ação. Constrói-se com sujeito agente e com complemento, destinatário, apagável, da forma a/para + nome humano.” (Borba, 1991, p.1282).

Enfim, todos os verbos aqui reunidos – inclusive o telefonar/ligar, com dois lugares – exigem algum complemento antecedido de ‘a’ – na forma mais formal e preferida pelos falantes de EL1 (vide seção a seguir) – ou ‘para’ – na forma mais informal e preferida pelos falantes de IL1.

V. [+ prep. variadas / ø] + INFINITIVO:

Exemplos sem a preposição: “(...) eu vou te ajudar procurar um outro.”; “Ali eles começaram cultivar uva para a fabricação do vinho.”; “Desse jeito, um produto tão simples como (...), passou ser um dos acessórios mais solicitados até (...)”; “(...) e ela continuava chorar e gritar.”; “Thero aprendia tocar um instrumento – acho que o piano.”

Exemplos com ‘para’: “Nós preferemos para morar um grande distance.”; “Eu fui confusa mas nós planejamos para pegar o namorado dela e dirigir (...); “Nós queremos para visitar Daise’s família.”

Exemplos com outras preposições: “Eu costumo a ver todos os pontos turísticos famosos.”; “Não se esqueça que para ter sucesso entre a concorrência, precisa de ter uma ótima técnica de marketing.”

Explicações: Muitos verbos em português que se acompanham de infinitivo são problemáticos para esses alunos. Por exemplo, os verbos ‘to start’ e ‘to begin’ – correspondentes ao nosso ‘começar/iniciar’ – exigem, em seguida, um verbo no infinitivo (com *to*) ou no gerúndio (*-ing*), sem preposição. Como explica Luft (2002, p.126), para o verbo ‘começar’, apenas a preposição ‘a’ ainda é usada antes do infinitivo: “**4.TI Aux:** *começar a* ou (p.us.) *de* + Infinitivo (...) ‘O verbo começar, seguido de infinitivo, admitia no português antigo três regências: *começar fazer*, *a fazer* e *de fazer*. Arcaizou-se a primeira regência’ (Pereira: Torres, p.76). Também *começar de* está praticamente arcaizado, embora se possa ver na língua literária (...)”. É tipificado como transitivo por Fernandes (2003, p.152), que aceita ambas as preposições (‘a’ e ‘de’) “quando o complemento é um verbo no infinitivo”, e como indicativo de aspecto inceptivo, por Borba (1991, p.287), que aceita somente a preposição ‘a’.

Quanto ao verbo ‘ajudar’, o aluno traça um paralelo com ‘to help sb to do sth’. Luft (2002, p.45) faz uma observação sobre sua regência ideal: “Preposição *em* diante de substantivo e *a* diante de infinitivo: *Ajudos em suas pesquisas/Ajudos a pesquisar*”. Para Fernandes (2003, p.62), o verbo é classificado como transitivo-relativo: “Auxiliar (alguém) (a fazer alguma coisa): ‘Deus o ajudará a comprar mais.’ (Camilo, *Vingança*, 47) (...) Pode dizer-se ajudar alguém a fazer alguma coisa, ou ajudar a alguém a fazer alguma coisa (...)”. Além disso, conforme Borba (1991, p.73), ‘ajudar’ indica ação-processo. “1. Com sujeito agente/causativo 1.1. Com dois complementos: um, apagável, beneficiário, expresso por nome animado e outro, apagável, da forma *a* + oração infinitiva ou *em* + nome, significa auxiliar, prestar ajuda: (...); *Tenho que ajudar Jandira a arrumar a mudança* (PL, 39); (...) 1.2. Com complemento expresso por oração infinitiva ou nome não-animado introduzido ou não por *a*, significa favorecer, tornar mais fácil, facilitar a realização de: (...) *Nuvens claras ajudavam a acentuar a alvura lá em baixo* (AM, 9) (...)”.

Entretanto, uma alternativa que o aluno encontra é transformar o ‘to’ que introduz infinitivos no ‘para’ do português, quando o ideal seria não utilizar preposição alguma; outra atitude é substituir a mais adequada por uma equivocada, como é o caso do segundo bloco de frases. É importante prestar atenção no verbo ‘precisar/necessitar’, que aceita bem o ‘de’ quando acompanhado de substantivo, mas não de infinitivo (esclarecimentos sobre ‘precisar + inf.’ estão no grupo referente a este verbo).

REFLEXIVOS:

Exemplos: “Eu sentia intimidado e triste.” [*to feel* X sentir-se]; “(...) (umas gordas decidiram que queriam sentar na ponta, sem (...))” [*to sit* X sentar-se]; “vao mudar para o ‘santuário’ a semana que vem...” [*to move* X mudar-se]; “Nós abraçamos e trocamos toda nossas notícias.” [*to hold* X abraçar-se]; “Não importo se alguém me mentira, (...)” [*to care* X importar-se]; “Depois, nós três hospedaríamos na casa dos amigos do namorado.” [*to stay* X hospedar-se]; “Vai casar e via ter três filhos.” [*to get married* X casar-se]; “Na começa da história Sondra quis filhos mas Andre Marcos não os quis. Por causa disso eles seperaram.” [*to separate/divorce* X separar-se]

Explicações: É puramente a transferência da transitividade de verbos que não são necessariamente reflexivos em inglês para verbos que o são em português. As diferenças de regência entre uma língua e outra – tanto nestre grupo de verbos quanto no seguinte – estão entre colchetes, após cada conjunto de frases, visando a facilitar a comparação.

OUTROS [+ prep. variadas / ø]:

Exemplos: “(...) pode a pessoa sofrendo assim escapar essa depressão.” [*to escape* X escapar de]; “Ele nunca desistia o sonho dele.” [*to give up* X desistir de]; “Quando ele fique sóbrio realizou que não gostou de participar no churrasco americano.” [*to participate in* X participar de]; “Eusebiozinho tem muita pressão para parecer como um ‘homem’ nos olhos de machismo, (...)” [*to look like* X parecer (com)]; “(...), mas ele deteste o trafigo. Ele ouve ao radio a descansar.” [*to listen to* X ouvir]; “(...) porque não puderam resistir sua beleza.” [*to resist* X resistir a]; “(...), podemos de alguma maneira ou outra relatar, analisar e aprender dos mesmos acontecimentos de antes.” [*to learn from* X aprender com/sobre]

Explicações: Agrupados aqui estão verbos variados que, apesar de terem aparecido em menor frequência que os tipos descritos anteriormente, também são exemplos de interferência do IL1 no PL2, o que se observa pelo mal-uso – seja por troca, falta ou excesso – das preposições regidas. Vale comentar, por fim, que nos outros perfis linguísticos a serem analisados, esses e outros casos poderão vir a aparecer mais corriqueiramente; assim como provavelmente voltarão a surgir exemplos semelhantes a alguns encontrados por Razuk (2002) e que ainda não apareceram neste trabalho, tais como os pares: *to dream of* X sonhar com/em; *to depend on* X depender de; *to complain about* X reclamar de; e *to pass* X passar em.

6.2.2

Grupo 2: espanhol L1 e português L2

Neste grupo (EL1 e PL2), o que vai importar são as interferências do espanhol no português. Uma vez que encontrar alunos de fala espanhola que não conheçam outra(s) língua(s) além da sua materna foi bastante difícil – a maioria já havia estudado o inglês, pelo menos –, diferentemente de no grupo anterior – onde é bem mais simples achar o “perfil puro” de falantes, com somente IL1 e PL2 –, este item vai incluir algumas redações de alunos com EL1, IL2 e PL3 cujo nível de inglês não prejudique a observação – isto é, baixas proficiência e frequência de uso na L2.

A partir da análise de 180 textos aproximadamente – vide Anexo 6: transferências do Grupo 2 (EL1 e PL2) –, oferecidas por 24 alunos no total, os problemas mais evidentes puderam ser sistematizados da seguinte maneira, por verbo-chave:

GOSTAR [+ de]:

Exemplos: “(...), me gostava dormir muito, (agora também mas não posso!), (...)”; “Te mando este cartão postal do Rio de Janeiro por que meu gosta muito este lugar, (...)”

Explicações: A regência do verbo ‘*gustar*’ (em espanhol) difere tanto da regência do verbo ‘gostar’ (em português), quanto do verbo ‘*to like*’ (em inglês), daí a transferência da primeira para a segunda nos falantes de EL1 e PL2.

Conforme o Dicionario Esencial Santillana de La Lengua Española (1991, p.592), existem duas estruturas possíveis para o significado acima: “v. *intr.* 1. Resultar algo agradable o atractivo a alguien: *Me gusta mucho la playa*. 2. Parecer bien algo a una persona: *me gusta que seas generoso*. 3. Caer bien una persona a otra, y en especial atraerse físicamente. Se usa también como v. *prnl.*: *Julio y Mónica se gustan*. En estas tres acepciones, el complemento indirecto de persona suele repetirse con un pron. pers. y muy frecuentemente el sujeto va detrás del verbo: *A Javier no le gusta el dulce. (...)*”.

PRECISAR/NECESSITAR [+ de]:

Exemplos: “(...) quando os pais procuram de alguma forma o sustento diário que precisam as suas famílias, a comunidade toda.”; “(...) Delfino tem a certeza de que vai aceitar a vergonhosa proposta para poder arranjar o dinheiro que necessitava para se casar com Mar, (...)”; “Onde há densidade cultural as pessoas necessitam de pautas culturais (cidades, urbes, etc.).”; “Essa pessoa é muito sábia e sempre ajuda-me quando preciso dela.”

Explicações: Em espanhol, os verbos ‘necesitar’ e ‘precisar’ aceitam ser acompanhados ou não da preposição ‘de’: “necesitar v. tr. 1. Tener necesidad de aquello que se expresa: Necesitaron dos días para terminarlo. También v. intr.: Necesito de tus servicios.”; “precisar v. tr. También v. intr.: Creo que precisarán de tus servicios.” (Diccionario Esencial Santillana de La Lengua Española, 1991, p.815, 952). Destarte, as transferências do EL1 no PL2 poderiam se assemelhar à regência do inglês (sem ‘de’) ou do português (com ‘de’), mas as ocorrências encontradas mostram preferência pela segunda, já que os únicos exemplos sem a preposição ‘de’ são em orações relativas, o que é frequente na língua portuguesa – ainda que rejeitado pela norma culta.

ASSISTIR [+ a/ø]:

Exemplos: “Salvador é a única cidade da Costa brasileira a assistir ao pôr-do-sol-terra.”; “Eu asisti a um filme Brasileiro.”

Explicações: Como já observado na análise do Grupo 1, aqui a tendência, ao contrário da dos falantes nativos de inglês, é se usar a preposição ‘a’ com o verbo ‘assistir’: “(...) 6. Asistir a um acontecimiento, espectáculo, etc., y seguir su desarrollo: *ver una película. (...)*” (Diccionario Esencial Santillana de La Lengua

Española, 1991, p.1282) – o que é mais comum no registro formal do português, já que, coloquialmente, costuma-se omitir o ‘a’ e, inclusive, apassivar o verbo, tanto na fala quanto na escrita⁸⁷.

VERBOS DE DESLOCAMENTO [+ a/para]:

Exemplos: “(...) os contemporâneos ‘invasores’ decidem não voltar a seus lugares de origem, (...)”; “No Perú não e comunon que as pessoas vão ao trabalho ou a comer ao restaurante elegante nesse tipo de roupa; (...)”; “(...), eu viajarei ao Brasil e procurarei um bom trabalho lá.”

Explicações: Dado que os verbos de deslocamento na língua espanhola, a exemplo de ‘ir’, ‘volver’ e ‘viajar’, são mais comumente usados com a preposição ‘a’ – as preposições ‘hasta’ (de limite) e ‘para’ e ‘hacia’ (ambas de direção) também indicam movimento (cf. Santos, 1993), mas foram preteridas nas redações –, isso interfere no português, enfraquecendo a regência com as preposições ‘em’, aceitável em registros menos formais, e ‘para’, que é praticamente uma substituta oficial do ‘a’ no Brasil.

CHEGAR [+ a/em]:

Exemplos: “Eu lleguei ao Brasil faz 6 meses mais ou menos.”; “Depois de chegar à casa, eu sempre (...)”; “(...), chegando assim a muitos nichos de outras classes sociais que nunca foram explorados.”

Explicações: Como em espanhol, tanto na escrita quanto na fala, o verbo ‘llegar’ é regido pela preposição ‘a’, os alunos acabam mantendo essa estrutura no português – não se aproveitando sequer da regência informal de ‘chegar em’. Seguem alguns exemplos do Dicionario Esencial Santillana de La Lengua Española (1991, p.717): “(...) *Mañana llegan a Buenos Aires* (...) *He llegado casi al final del libro* (...) *Le costó, pero llegó a médico* (...)”.

VERBOS TRIVALENTES (*dicendi, dandi* e outros) & TELEFONAR [+ a/para]:

Exemplos: “(...) contava meus segretos a minhas amigas e juntas (...)”; “(...), João Almeida começou a vender informação a outros jornais, (...)”; “(...), onde Leonardo no queria avisar a ninguém por temor a um converseiro dos

⁸⁷ Assim como vem acontecendo também com o verbo ‘pagar’: “Os funcionários já foram pagos este mês”, por exemplo.

vizinhos e colegas de trabalho.”; “A entrevistadora pergunto a Betty Milan de onde surgiu a idéia de (...)”; “(...), em vez de oferecer a todas as pessoas a garrafa de vinho o a cesta de frutas de boas-vindas, (...)”; “(...) que todos os emails não conhecidos (ou não desejados) podem ser spam que os enviam a sites falsificados.”; “Havaianas é um dos melhores exemplos no mundo dos negócios que mostra ao mundo inteiro como (...)”; “Então, Reinaldo diz a Mateos que era um menino que (...)”.

Explicações: Diferentemente do grupo ‘IL1 e PL2’, que oscila entre o não-uso de preposição e o uso de ‘para’ com estes verbos, o grupo ‘EL1 e PL2’ opta pelo ‘a’ em todos os exemplos, seguindo a estrutura da sua língua-materna, que coincide com a linguagem menos informal do português.

SAIR A [+ inf.]:

Exemplos: “(...); à tarde saiu a procurar ropa nova para a manhã seguinte (...)”; “No verão as pessoas usam bermudas, regatas e chinelos más só para ir a praia, ficar na casa ou sair a passear.”

Explicações: É bem comum entre os falantes de EL1 o uso de ‘sair a + inf.’ devido claramente à interferência da expressão em espanhol ‘*salir a + inf.*’. No entanto, o ideal seria que esta fosse traduzida por ‘sair para’, a fim de que trouxesse o significado pretendido pelo falante (finalidade), já que ‘sair a’ em português tem sentido aspectual de início de ação: “IV. É auxiliar. 1. (...) Precedendo a + infinitivo para indicar aspecto inceptivo: *e Habib saía a correr* (JC, 72) (...)” (Borba, 1991, p.1213).

IR A [+ inf.]:

Exemplos: “Os fins de semana as famílias vam a disfrutar o ar livre e a brincar com os meninos.”; “(...), eu sempre iva a jogar até que era tempo para jantar.”

Explicações: O Dicionario Esencial Santillana de La Lengua Española (1991, p.667) explica que o verbo ‘ir’ é do tipo intransitivo e pode significar “40. Com la prep. *a* y un inf., disponerse o prepararse a hacer lo que éste indica: *Vamos a comer*. Se utiliza también para anunciar algo: *Van a subir los precios*. 41. Con la prep. *a* y un inf., expresa temor, extrañeza o enfado: *No irás a decirme que no te*

importa.”; o que em português também é expresso pelo verbo ‘ir + inf.’ mas sem preposição.

Borba (1991) confirma: “IV. É auxiliar. 1. Nas formas do presente, imperfeito, futuro e infinitivo + infinitivo indica futuridade: *Agora a gente vai se ver todo dia* (IN, 11); (...) 2. Nas formas do perfeito e mais-que-perfeito + infinitivo, indica pretérito: *Palavra que não sei onde fui achar tanta coragem* (AM, 21) (...) 3. No presente ou imperfeito e associado a outro evento. 3.1. Seguido de infinitivo, indica iminência no tempo: *Juju ia reponder quando Nazaré cruzou a sala* (CL, 122); (...)”. Observe-se que, em todos estes casos, o falante de espanhol L1 fez a transferência da estrutura com ‘a’.

VERBOS COM COMPLEMENTO DIRETO (traço [+hum]):

Exemplos: “(...) só queria acabar com os índios, e catequizar a todos por bem ou por mal.”; “Quando, eu era criança eu gostava muito de visitar a mi avô e usar seus cremes (...)”; “(...), graças a uns amigos aos quais ele tinha ajudado em outros tempos.”; “Acho que é porque a mãe lhe protegeu muito desde criança, agora ele (...)”; “Os passageiros responsabilizaram aos pobres pelas novas invasões, (...)”; “(...), e para manter aos presos nas cadeias uma vez que o crime já for cometido.”; “Quem é que tem a responsabilidade de escolher entre ‘salvar’ a um grupo e prejudicar a outro ou vice-versa?”; “(...) e Quincas Berro D’Água, o pai de seus pais, a quem conhecem com um nome muito diferente.”; “Eu não vi a ninguém famosos.”

Explicações: O uso da preposição ‘a’ introduzindo complemento direto – ou do ‘lhe’, que é uma peculiariade do português brasileiro coloquial – é uma situação bastante recorrente nas redações dos alunos de EL1, por conta de uma regra da gramática espanhola que diz: quando o OD de um verbo em espanhol é uma pessoa em particular (ou um grupo de pessoas definido), é imprescindível que seja encabeçado por ‘a’; incluídos nesta regra pronomes que se referem a pessoas – mesmo que não sejam em particular – e referências a animais particulares (cf. Larousse, 2006, p.178-179).

Santos (1993, p.232) exemplifica: “Esta mañana vi a Carlos. Esta mañana vi a Rex, el perro de Fernando. Estoy buscando a un señor que tiene... Estoy buscando a um perro que tiene... Necesitamos un camarero que tenga experiencia.

Necesitamos um perro que tenga experiencia. No sé, pero quizá le compre una muñeca. Le he comprado la muñeca que me dijiste.”

Assim, em português atual, todos os exemplos deste conjunto deveriam estar sem a preposição ‘a’, a despeito de antigamente (principalmente nos sécs. XVI e XVII) ser comum entre nós usar o objeto direto preposicionado quando o complemento era caracteristicamente mais humano.

6.2.3

Matrizes dos Grupos 1 e 2: padrões de transferências

Com base nas ocorrências mais significativas da influência da primeira língua na segunda verificadas nas seções anteriores (6.2.1 e 6.2.2), chega-se às duas matrizes de transferência que servirão de orientação para a análise do grupo-alvo (IL1, EL2 e PL3).

A matriz originada do Grupo 1 – com problemas específicos da transferência do inglês no português – consiste, portanto, dos verbos-chave ali elencados: ‘gostar’; ‘precisar/necessitar’; ‘assistir’; ‘sair’; ‘entrar’; ‘deslocamento’; ‘chegar’; ‘trivalentes’; ‘infinitivos’; ‘reflexivos’; e ‘outros’. A matriz do Grupo 2 – com problemas específicos da transferência do espanhol no português – é formada por: ‘gostar’; ‘assistir’; ‘deslocamento’; ‘chegar’; ‘trivalentes’; ‘sair a’; ‘ir a’; e ‘cdp [+hum]’.

Observa-se que há verbos-chave coincidentes nas duas matrizes e outros exclusivos de uma delas. No primeiro caso, o confronto se dá ora porque as regências do inglês e do espanhol são completamente diferentes – como é o caso do verbo ‘gostar’ –, ora porque há preferência por determinada preposição em cada um dos idiomas – nos demais verbos listados. No segundo caso, os verbos – ‘precisar/necessitar’⁸⁸, ‘sair’, ‘entrar’, ‘infinitivos’, ‘reflexivos’ e ‘outros’⁸⁹, na matriz 1; ‘sair a’, ‘ir a’ e ‘cdp [+hum]’, na matriz 2 –, juntamente com as

⁸⁸ Este verbo-chave só fará parte da matriz do Grupo 1, porque os exemplos encontrados no Grupo 2 se aproximam da regência no português, como visto na análise das redações. Daí por que todas as ocorrências de ‘precisar/necessitar’ sem o ‘de’ no Grupo 3 serão atribuídas à interferência do inglês e não do espanhol – embora também aceite essa forma, ela não foi identificada nos textos dos falantes de EL1.

⁸⁹ Vale salientar que, nas redações do Grupo 3, aparecerão outros verbos com regência diferente da do português e do espanhol que não chegaram a ser encontrados neste item da matriz do Grupo 1, tamanha a variedade de verbos em inglês com essas características. Outros verbos com características regenciais típicas do espanhol também poderão surgir.

regências empregadas, são particularidade de cada L1 no contraste com o português.

6.3

As redações: Grupo 3 (IL1, EL2 e PL3)

Neste subcapítulo, serão analisadas as redações do grupo-alvo – falantes apenas de inglês L1 e espanhol L2, aprendendo o português L3 –, que está dividido em três subgrupos de acordo com o domínio sobre a língua espanhola, em vista da hipótese a ser investigada: A = alto domínio do espanhol (nível de proficiência avançado ou fluente e uso frequente); B = médio domínio do espanhol (nível de proficiência intermediário e uso mediano); e C = baixo domínio do espanhol (nível de proficiência básico ou fraco e pouco uso).

A análise das regências nas redações do Grupo 3 acompanhará o mesmo procedimento adotado nos Grupos anteriores (1 e 2), mas já orientada pelos padrões fornecidos, ou seja, serão verificadas as transferências linguísticas da L1 (inglês) e da L2 (espanhol) na L3 (português), tendo como base as matrizes do Grupo 1 (transferências provenientes do inglês) e do Grupo 2 (transferências provenientes do espanhol), acrescidas de uma nova matriz, formada pelas transferências positivas do espanhol – naqueles verbos com regência semelhante à do português e diversa à do inglês –, neutralizadoras das transferências negativas do inglês.

A matriz das transferências neutralizadoras será composta justamente pela “não-matriz” do Grupo 1, isto é, pelo que não é transferido da língua inglesa por conta das semelhanças da língua espanhola com o português, daí a matriz do primeiro grupo ser repetida aqui, excluído-se aqueles verbos-chave que aparecem em ambos. Dessa forma, a última matriz compõe-se dos verbos ‘precisar/necessitar’, ‘sair’, ‘entrar’, ‘infinitivos’, ‘reflexivos’ e ‘outros’. Vale lembrar que serão consideradas, nesse caso, apenas as transferências de aprendizes iniciantes da língua portuguesa para que não sejam estas confundidas com o desenvolvimento da competência do próprio português.

Além dos aspectos qualitativos – com a distribuição das transferências ao longo das matrizes, por meio da comparação das regências nas três línguas –, a análise prevê uma quantificação dos dados – apesar de simplificada –, com vistas

à comparação entre os subgrupos. Melhor dizendo, na análise quantitativa, após o cálculo percentual dentro dos grupos (intragrupos) – o total de transferências do inglês *versus* o total de transferências do espanhol, em percentuais –, os resultados obtidos serão utilizados para comparar os subgrupos (intergrupos), com o objetivo de avaliar a maior ou menor ocorrência de transferências da L1 e da L2 ao longo do crescente domínio do espanhol.

Para tanto, as ocorrências serão contabilizadas por tipos (espanhol X inglês), para cada subgrupo, e quantificadas de maneira proporcional, na razão ‘total de incidências de um tipo pelo total de ambos’. Note-se que as transferências do tipo ‘neutralizadoras’ não entram nesse índice vez que a base de cálculo é diferente – porque menos alunos/redações foram considerados. Calculados esses valores internamente, eles serão comparados transversalmente, entre os Subgrupos C, B e A.

O cuidado com a relativização dos números é aconselhável não só porque o total de alunos e redações – e, conseqüentemente, o volume de transferências – variou de subgrupo para subgrupo, mas também porque, em números absolutos, as influências do espanhol no português tendem a ser menores do que as do inglês no português – e não só em quantidade, mas também em variedade – no perfil caracterizado por IL1, EL2 e PL3. Isso se deve às muitas semelhanças entre a regência/transitividade verbal do espanhol e do português em comparação ao inglês, o que será também observado pelas transferências positivas/neutralizadoras.

Ao traçar considerações acerca da maior ou menor influência do inglês L1 e/ou do espanhol L2 sobre o português L3 – assim como das transferências positivas do espanhol para o português, possíveis inibidoras das transferências vindas do inglês – de acordo com a competência do falante na segunda língua, tal análise indicará se a hipótese inicial se confirma ou não, se modifica ou não, e de que maneira.

A essa análise qualitativa-quantitativa (6.3.4), serão acrescentadas algumas observações oriundas da avaliação da atividade complementar (6.4), com vistas a reforçar (ou não) os resultados das redações e auxiliar nas propostas pedagógicas para o ensino da regência verbal a alunos com o perfil linguístico escolhido para esta tese de doutoramento.

Como o domínio na língua espanhola – a primeira língua não-nativa dos estudantes do Grupo 3 – foi classificado em três tipos (A = alto; B = médio; C = baixo), segundo o nível de proficiência e a frequência de uso/ativação, as seções a seguir também estão assim subdivididas. Entretanto, para melhor organizar os subgrupos, visando a verificar a evolução da importância (ou não) do domínio do espanhol, eles serão dispostos na ordem inversa: C, B e A.

6.3.1

Subgrupo C: IL1, EL2 (domínio baixo) e PL3

Neste subgrupo, ficaram inseridos 15 participantes – o equivalente a 181 páginas de texto escrito (vide Anexo 7: transferências do Subgrupo C) –, todos com baixo domínio do espanhol, declarando inclusive que a frequência de uso/ativação e o nível de proficiência nessa língua não eram maiores do que no português. Para as transferências positivas do espanhol, foram analisadas apenas 49 do total de páginas, porque as demais se referiam a alunos de nível não compatível com o critério definido anteriormente, qual seja, que somente os iniciantes entrariam nessa avaliação.

A tabela⁹⁰ abaixo sintetiza os números de transferência por tipo e por verbo-chave:

Tabela 01: Resumo quantitativo das transferências, por tipo e por verbo-chave, no Subgrupo C

VERBO-CHAVE	TRANSF. ING.	TRANSF. ESP.	TRANSF. NEUTR.
gostar	07	00	-
precisar/necessitar	05	-	00
assistir	05	01	-
sair	07	-	00
entrar	04	-	01
deslocamento	35	35	-
chegar	08	07	-
trivalentes	27	46	-
infinitivo	34	-	18
reflexivo	47	-	03
outros	55	01	12

⁹⁰ Tanto nesta (01) quanto nas duas próximas tabelas (02 e 03), a diferença entre o registro do tipo “00” (zero) e o “-” (traço) é que o primeiro representa que o verbo-chave foi considerado na contabilização, mas não se encontrou nenhuma ocorrência dele com características da língua de influência; enquanto o segundo significa que ele sequer foi considerado na análise daquela língua (coluna), em geral por se tratar de regência semelhante à do português.

sair a (expr.)	-	00	-
ir a (expr.)	-	00	-
cdp [+ hum]	-	08	-
TOTAL = 332	234 (70,48%)	098 (29,52%)	34

6.3.2

Subgrupo B: IL1, EL2 (domínio médio) e PL3

Neste grupo estão 13 alunos – com 138 páginas de texto (vide Anexo 8: transferências do Subgrupo B) –, com domínio moderado do espanhol, tendo a maioria deles afirmado que sua proficiência nesta língua é um pouco melhor do que em português – apesar de a frequência normalmente não o ser, já que os alunos da PUC-Rio (maioria dos informantes) estão em situação de imersão na língua portuguesa. Quanto às transferências neutralizadoras, foram utilizadas apenas 19 páginas para a análise, referentes aos únicos três alunos com nível básico do português.

Os resultados estão resumidos na tabela a seguir:

Tabela 02: Resumo quantitativo das transferências, por tipo e por verbo-chave, no Subgrupo B

VERBO-CHAVE	TRANSF. ING.	TRANSF. ESP.	TRANSF. NEUTR.
gostar	13	00	-
precisar/necessitar	06	-	01
assistir	03	02	-
sair	01	-	00
entrar	02	-	01
deslocamento	26	43	-
chegar	04	15	-
trivalentes	34	55	-
infinitivo	60	-	09
reflexivo	35	04	02
outros	30	01	07
sair a (expr.)	-	00	-
Ir a (expr.)	-	02	-
cdp [+hum]	-	22	-
TOTAL = 358	214 (59,78%)	144 (40,22%)	20

6.3.3

Subgrupo A: IL1, EL2 (domínio alto) e PL3

Aqui ficaram apenas aqueles alunos com domínio do espanhol praticamente igual ao do inglês, num total de 08 informantes e 170 páginas escritas (vide Anexo 9: transferências do Subgrupo A), dentre as quais somente 17 tiveram as transferências neutralizadoras analisadas, por corresponderem aos três alunos iniciantes.

Uma sinopse dos resultados numéricos encontra-se na Tabela 03:

Tabela 03: Resumo quantitativo das transferências, por tipo e por verbo-chave, no Subgrupo A

VERBO-CHAVE	TRANSF. ING.	TRANSF. ESP.	TRANSF. NEUTR.
gostar	05	02	-
precisar/necessitar	02	-	01
assistir	03	01	-
sair	00	-	01
entrar	01	-	00
deslocamento	19	27	-
chegar	04	09	-
trivalentes	23	21	-
infinitivo	29	-	07
reflexivo	14	08	00
outros	39	01	11
sair a (expr.)	-	00	-
ir a (expr.)	-	02	-
cdp [+ hum]	-	41	-
TOTAL = 251	139 (55,38%)	112 (44,62%)	20

6.3.4

Interpretação dos resultados

Interpretando as tabelas (01-03) de maneira global, constata-se que as transferências do inglês superam as transferências do espanhol em todos os subgrupos, o que é um reflexo dos resultados em cada um dos verbos-chave coincidentes (a exceção dos de ‘deslocamento’, ‘chegar’ e ‘trivalentes’ – vide seção 6.5). Contudo essas diferenças vão diminuindo do C para o B e deste para o A – caindo aproximadamente pela metade de um para o outro –, tendendo ao equilíbrio entre os tipos de transferência, conforme a tabela seguinte:

Tabela 04: Resumo comparativo dos resultados das Tabelas 01 a 03, com as diferenças entre as línguas

GRUPOS / TRANSF.	transf. inglês	transf. espanhol	diferenças I-E
Subgrupo C (baixo)	70,48%	29,52%	40,96%
Subgrupo B (médio)	59,78%	40,22%	19,56%
Subgrupo A (alto)	55,38%	44,62%	10,76%

Percebe-se, nitidamente, que há uma queda no índice das transferências do inglês e um aumento no índice das transferências do espanhol à medida que cresce o domínio na L2. Por outro lado, tanto a queda do primeiro tipo quanto o aumento do segundo, apesar de razoáveis entre os Subgrupos C e B (média de 10%), são sutis entre o B e o A (aproximadamente 5%), indicando talvez uma maior confiança na L2 (ou primeira língua estrangeira) após os primeiros estágios de aprendizagem [C-B], assim como um maior controle das transferências (conscientização metalinguística) por parte do aluno a partir de determinado nível de domínio de uma segunda língua [B-A].

Se, além disso, as redações forem tomadas como fonte potencial de transferências, podemos calcular também as incidências de cada tipo por página de texto produzido (oportunidade de ocorrência), utilizando-se da fração ‘transferências do tipo X / total de páginas analisadas no Subgrupo Y’, como mostra a Tabela 05.

Tabela 05: Incidências das transferências, por tipo e por página de texto, em cada subgrupo

GRUPOS / TIPOS	transf. inglês	transf. espanhol	transf. neutraliz.
Subgrupo C	234/181 = 1,30	098/181 = 0,54	034/049 = 0,69
Subgrupo B	214/138 = 1,55	144/138 = 1,04	020/019 = 1,05
Subgrupo A	139/170 = 0,82	112/170 = 0,66	020/017 = 1,18

Os resultados reforçam a ideia de que há uma tendência de se equilibrarem as transferências do inglês e do espanhol no decorrer do aumento do domínio da L2 – as diferenças caem de 0,76 [C] para 0,51 [B] e de 0,51 [B] para 0,16 [A] –, mostrando ainda que as transferências neutralizadoras vão sendo incrementadas nessa mesma medida. Revela-se também que se, por um lado, as incidências sobem – as do espanhol praticamente dobram – quando se passa de um nível elementar de domínio da L2 para um nível mediano (do Subgrupo C para o Subgrupo B) – podendo, inclusive, representar um estímulo às transferências, pelo

maior contato com uma língua estrangeira –, quando se chega ao Subgrupo A, elas (a exceção das neutralizadoras, que têm um pequeno acréscimo) sofrem um decréscimo considerável.

Proporcionalmente falando, para cada 100 transferências do inglês, há cerca de 42 no Subgrupo C, 67 no Subgrupo B e 79 no Subgrupo A – com um enfraquecimento no valor dos intervalos, de 25 [C-B] para 12 [B-A]. Essa queda nos índices de incidência de transferência do subgrupo com médio domínio da L2 para o subgrupo com alto domínio da L2 pode ser interpretado como uma maior percepção dos efeitos nocivos das interferências das línguas anteriores – a consciência metalinguística, comentada na tabela anterior –, desestimulando as transferências em geral.

6.4

A atividade complementar (teste)

Dos 36 alunos formadores do Grupo 3 (grupo-alvo), doze responderam a atividade enviada por *email* (vide Anexos 10-21: respostas à atividade complementar - Aluno X, Subgrupo Y). Esse índice de resposta (1/3) pode não ser suficiente para cálculos como os apresentados na seção anterior, mas é significativo a ponto de auxiliar na interpretação das informações colhidas com as redações, numa comparação entre os grupos de verbos e entre os perfis linguísticos – especialmente diante da grata coincidência de haver exatamente o mesmo número de respondentes (quatro) por subgrupo. Os resultados da atividade também darão suporte à proposta pedagógica⁹¹.

Para melhor aproveitar o instrumento, foi feita uma compilação das respostas (vide Anexo 22: Compilação dos resultados da atividade complementar), agrupadas por verbo-chave, dispostas na mesma ordem das matrizes, classificadas como ‘certas’, ‘erradas’ ou ‘outras’ – nomes adotados com o intuito de facilitar a sistematização – e apresentadas em tabelas individualizadas, com a indicação do verbo (ou expressão verbal) em português e do número da frase (ex.) a ele referente. As ‘certas’ significam que foi utilizada a transitividade

⁹¹ Até porque, diferentemente da análise das redações – vez que desnecessária para se trabalhar a hipótese –, a análise das atividades evidencia, além dos erros, os acertos, ou seja, o que é mais/menos problemático para os alunos de IL1, EL2 e PL3.

e a preposição esperadas (ou mais adequadas); as ‘erradas’ querem dizer que a regência e/ou a preposição regida estão equivocadas (ou atendem menos à língua portuguesa do que uma outra opção, do tipo ‘certa’)⁹²; e, finalmente, as ‘outras’ servem para distinguir das duas anteriores aquelas respostas adaptadas, que se utilizam de paráfrases, ora trocando o verbo-chave por outro qualquer, ora nem usando verbos na sua estrutura. Neste último tipo, estão contabilizadas também as não-respostas.

6.5

Resultados comparativos: redações e atividades

Esta seção cuidará dos resultados das redações do Grupo 3 (vide Anexos 07-09) e das atividades (vide Anexo 22), conjuntamente, analisando cada verbo-chave, a fim de se propor uma ação pedagógica para enfrentar os problemas de regência observados no grupo-alvo (IL1, EL2 e PL3). Os verbos serão analisados quantitativa e qualitativamente, na ordem em que aparecem nas matrizes de transferência e segundo as semelhanças/diferenças de regência entre as línguas em foco.

GOSTAR [+ de]:

Esse é o único dos verbos-chave que tem regência distinta nas três línguas. O verbo ‘gostar’ no português exige o acompanhamento da preposição ‘de’ (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), enquanto que no inglês tem transitividade direta (cf. Hornby, 1995) e no espanhol, é intransitivo (cf. Dicionario Esencial..., 1991).

Pelas redações analisadas, os falantes de IL1, EL2 e PL3 apresentaram muito mais interferências do inglês L1 (total de 25 ou 92,60%) do que do espanhol L2 (total de 02 ou 07,40%), observando-se que estas últimas surgem apenas nos falantes com maior domínio daquele idioma (Subgrupo A). Todavia,

⁹² Por vezes, a coluna da ‘certa’ vai equivaler à tendência do espanhol e a da ‘errada’, do inglês, por conta dos verbos-chave coincidentes que aceitam ambas as regências no português mas dão preferência à primeira na linguagem culta.

se compararmos os números de erros com os de acertos⁹³, observa-se que a maioria desses alunos costuma usar a estrutura corretamente, o que é comprovado pelos resultados da atividade complementar (ex. 04), na qual apenas um aluno em doze (8%) fez a transformação inadequada (“Perguntarei porque ela não gosta sair comigo ...”) – sendo que um outro usou o verbo ‘querer’ em substituição.

Provavelmente, essa relativa facilidade se deve não só ao empenho dos professores em sala de aula para evitar o uso equivocado da regência desde os primeiros níveis, mas sobretudo porque, se verificarmos o que dizem as gramáticas de PLE sobre o assunto, o ‘gostar’ é um dos poucos verbos explicitamente citados, explicados e exemplificados (cf. Perini, 2002).

PRECISAR/NECESSITAR [+ de]:

O verbo-chave ‘precisar/necessitar’ também é bastante particular, uma vez que a regência no espanhol (cf. Diccionario Esencial..., 1991) tanto pode ser com o ‘de’, como no português (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), quanto sem o ‘de’, igual ao inglês (cf. Hornby, 1995). Como nas ocorrências do Grupo 2 (EL1, PL2), o verbo só apareceu sem o ‘de’ em orações relativas – estrutura que, aliás, é bastante comum de se ouvir no português –, assume-se tal regência como interferência do inglês, e a regência com o ‘de’ como influência positiva da língua espanhola (transferência neutralizadora).

A atividade extra (ex. 01) mostra uma certa equidade entre erros e acertos – com uma leve tendência ao acerto à medida que o domínio do espanhol aumenta (75% certos no Subgrupo A, contra 50% certos nos Subgrupos B e C) –, apesar de a regência do verbo ‘precisar/necessitar’ não figurar nas gramáticas de PLE, a não ser muito indiretamente, com as explicações sobre o uso da preposição ‘de’.

ASSISTIR [+ a/ø]:

Quanto ao ‘assistir’, como ambas as regências – com ou sem a preposição ‘a’ – são usadas no português (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991) – a segunda mais coloquialmente que a primeira –, faz-se relevante o confronto entre

⁹³ Como explicado anteriormente, a proposta da tese não é a de comparar erros e acertos, mas sim tipos de erros (transferências do inglês, do espanhol e neutralizadoras), mas vale a ressalva no caso do verbo ‘gostar’, em vista da regência distinta nas três línguas.

a transitividade do inglês – direta (cf. Hornby, 1995) – e do espanhol – indireta (cf. Dicionario Esencial..., 1991).

Por meio da análise das redações, percebe-se que as influências do inglês são maiores que as do espanhol nos três subgrupos, mas se aproximando de um equilíbrio no B e no A. A atividade empreendida posteriormente às redações (ex. 06) mostra que há uma forte tendência de o aluno relacionar esse verbo aos verbos ‘ver’/‘mirar’, reforçando sua aplicação com OD: 50% das transformações de frases foram feitas substituindo o ‘assistir’ por esses correspondentes (‘outros’), e 41,66% mantiveram o verbo esperado mas com complemento direto (‘errado’).

Os manuais analisados nesta tese não contemplam o verbo ‘assistir’, apenas a preposição ‘a’ isoladamente (cf. Carreira & Boudoy, 1993), podendo ser uma das razões para a quantidade ínfima de usos da linguagem culta, tanto nas redações quanto nas atividades.

SAIR [+ de] & ENTRAR [+ em]:

Os verbos-chave ‘sair’ e ‘entrar’ – cuja regência no português pede as preposições ‘de’ e ‘em’, respectivamente (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991) – ficaram juntos aqui, por estarem em situação semelhante: ainda que também não figurem nas gramáticas de português para estrangeiros, parecem evoluir de um subgrupo para o outro, tanto nas redações – de 11 (4,7% das transferências do inglês) desvios no C para 3 (1,4%) no B e somente 01 (0,7%) no A –, quanto nas atividades (exs. 22 e 03), muito provavelmente graças ao esforço dos professores de PLE.

Observe-se que aqui são considerados erros as interferências da língua inglesa, cuja regência é sem preposição para ambos os verbos (cf. Hornby, 1995). As influências da língua espanhola foram entendidas como facilitadoras do português, já que as regências são idênticas (cf. Dicionario Esencial..., 1991).

V. DESLOCAMENTO [+ a/para] & V. TRIVALENTES [+ a/para]:

Ambos os conjuntos de verbos aceitam as preposições ‘a’ e ‘para’ iniciando seus complementos (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), sendo que a

primeira é preferencialmente usada pelos falantes de EL1 (cf. Dicionario Esencial..., 1991) e a segunda, pelos de IL1 (cf. Hornby, 1995)⁹⁴.

É bastante interessante o que ocorre com eles: enquanto o segundo conjunto, curiosamente, vai equilibrando a quantidade de transferências do inglês (com ‘para’ ou sem preposição) com as do espanhol (com ‘a’) quanto maior o domínio deste; o primeiro, ao contrário, vai desequilibrando os números de acordo com o aumento da competência no espanhol, preponderando as influências desta língua⁹⁵.

De qualquer forma, as atividades apontam que os alunos costumam usar o verbo ‘ir’ (exs. 10 e 31) mais com ‘a’ do que com ‘para’, independentemente do subgrupo em que se encontram. Com os verbos trivalentes (exs. 01, 04, 10, 12, 19, 20, 21, 25, 26, 28 e 30), porém, há grande alternância entre o ‘a’, o ‘para’ e o uso sem preposição (ø).

Sobre esses verbos nas gramáticas de PLE, a diferença entre o uso do ‘a’ e do ‘para’ nos verbos de deslocamento é abordada por Sá Pereira (1973), Thomas (1974), Carreira & Boudoy (1993) e Hutchinson & Lloyd (1996). Do outro conjunto, apenas o verbo ‘dar’ tem seu uso regencial esclarecido nas gramáticas (cf. Perini, 2002).

CHEGAR [+ a/em]:

‘Chegar’ recebe em português as preposições ‘a’ ou ‘em’ (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), esta última mais comumente quando seguida da palavra ‘casa’, mas sendo amplamente adotada na linguagem coloquial. Tanto as redações quanto os testes mostram que ambas são bastante utilizadas pelos alunos do perfil em análise, com mais influências do espanhol (‘a’) nas primeiras – especialmente nos Subgrupos B e A – e mais do inglês (‘em’) na atividade (exs. 06 e 30, este último com a palavra ‘casa’). Acrescenta-se que não há qualquer explicação sobre o uso da sua regência nas gramáticas de PLE.

⁹⁴ As eventuais ocorrências com pronomes pessoais oblíquos nos trivalentes não foram computadas nem como transferência do inglês nem como transferência do espanhol, sendo classificadas na coluna ‘outros’.

⁹⁵ Observe-se que as ocorrências com ‘em’ não foram computadas, uma vez que decorre da influência do próprio português usado no dia-a-dia.

V. [+ prep. variadas / ø] + INF. & REFLEXIVOS:

Verbos que antecedem infinitivos no português podem ou não necessitar de preposição (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), mas os falantes de IL1, EL2 e PL3 fazem grande confusão ao se apoiarem no inglês (cf. Hornby, 1995) – ora não usando a preposição quando ela é necessária, ou, ao contrário, usando-a quando desnecessária, ora trocando-a por outra qualquer, ora usando o ‘para’ como equivalente ao ‘to’; o que pode ser verificado tanto pelas redações quanto pelas atividades. Ademais, como as regências da língua espanhola são parecidas com as do português, suas influências positivas foram caracterizadas como neutralizadoras do inglês.

Quanto aos ‘reflexivos’, outro problema tipicamente oriundo da língua inglesa, as dificuldades vão diminuindo à medida que cresce o domínio da língua espanhola, até porque a regência desta (cf. Dicionario Esencial..., 1991), em geral, se assemelha à da língua portuguesa (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991), beneficiando-a – boa parte dos exemplos da atividade-extra confirma essa tendência encontrada nas produções escritas. Chamam a atenção alguns verbos do espanhol que surgem como interferência (transferência negativa) nos subgrupos mais avançados (B e A): ‘*despertarse*’, que acaba virando ‘despertar-se’ ou ‘acordar-se’ em português; e ‘*reirse*’, cuja forma pronominal, embora prevista nos dicionários do português, é quase nada utilizada no Brasil.

Comparando os ‘infinitivos’ com os ‘reflexivos’, pode-se dizer que os problemas com estes superam aqueles apenas no Subgrupo C (47 > 34); nos demais subgrupos, os infinitivos geram mais erros (60 > 35 no B; e 29 > 14 no A). Apesar da abundância de comentários, nas gramáticas para estrangeiros (cf. Sá Pereira, 1973; Williams, 1976; Carreira & Boudoy, 1993), sobre as preposições que devem ser utilizadas com os verbos acompanhados de infinitivos, a variedade dos termos (ø, ‘a’, ‘de’, ‘em’ etc.) pode mesmo confundir os aprendizes, que estão acostumados apenas com uma marca de infinitivo (‘to’). Atente-se também que, dentre os gramáticos de PLE, só Tyson-Ward (1997) faz algum comentário sobre os ‘reflexivos’, mesmo assim para tratar especificamente de pronomes usados como complementos verbais.

De qualquer maneira, as atividades mostram que a dificuldade é grande nos dois tipos de verbo, havendo certa facilidade quando o infinitivo não exige preposição alguma (principalmente os exs. 10 e 13) e no emprego reflexivo dos

verbos ‘casar’, ‘esconder’, ‘sentar’ e ‘vestir’ (exs. 08, 09, 15 e 30) – quando comparados aos demais.

OUTROS [+ prep. variadas / ø]:

Outros verbos cujas regências divergem entre o inglês (cf. Hornby, 1995) e o português/espanhol (classificados no conjunto de verbos-chave ‘outros’, com suas regências contrastadas entre colchetes) são considerados nesta análise – sendo que as semelhanças entre as línguas portuguesa (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991) e espanhola (cf. Dicionario Esencial..., 1991) são interpretadas como neutralizadores do inglês nos níveis iniciais de estudo do português. São verbos variados como: [*to abuse* X abusar de]; [*to depend on* X depender de]; [*to dream about* X sonhar com]; [*to dream of* X sonhar em]; [*to escape* X escapar de]; [*to hit* X bater em]; [*to learn from* X aprender com]; [*to look like* X parecer (com)]; [*to look at* X olhar (para)]; [*to look for* X procurar/buscar]; [*to participate in* X participar de]; [*to resist* X resistir a]; [*to take advantage of* X aproveitar-se de / aproveitar]; [*to think of* X pensar em]; [*to worry about* X preocupar-se com]. Novamente, a exceção dos verbos ‘sonhar’ e ‘pensar’ (cf. Perini, 2002), eles não aparecem com explicações sobre sua transitividade/regência nas gramáticas de português voltadas para o não-nativo.

Casos similares encontram-se no teste (exs. 02, 04, 05, 07, 08, 09, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 31 e 32), donde se conclui que há tendência ligeiramente maior para o erro – e bem maior se ainda forem levados em conta problemas como respostas em branco, mudanças no verbo ou na estrutura da frase (coluna ‘outros’).

Vale aqui uma ressalva sobre o verbo ‘gritar’ (ex. 03), já que suas regências no inglês e no espanhol se confundem (*‘to shout at’* e *‘gritar al’*), motivando o aluno a utilizar a preposição ‘a’, equivocando-se com o português (apenas um acerto em 12 no teste); e sobre o verbo ‘cuidar’ (ex. 27), que no espanhol tem regência diversa das outras duas línguas (*‘cuidar a’* X *‘to take care of’* / *‘to care for’* X *‘cuidar de’*). Outra observação é que tanto os verbos ‘tornar-se / virar / transformar-se em’ quanto os verbos ‘lembrar-se de / esquecer-se de’ deixaram de entrar na análise por admitirem múltiplas variações de regência no português, não configurando os exemplos encontrados nas redações transferências nem do inglês L1 nem do espanhol L2, portanto.

VERBOS COM COMPLEMENTO DIRETO (traço [+hum]):

Finalmente, o que está num crescente visível de uma tabela para a outra nos subgrupos (dados das redações) são as ocorrências de verbos com objeto direto preposicionado, atingindo 16,34% do total das transferências no Subgrupo A – ainda que nas atividades essa concentração não fique tão evidente (exs. 11, 17, 18 e 24). São verbos de regência direta no português (cf. Luft, 2002; Fernandes, 2003; e Borba, 1991) e no inglês (cf. Hornby, 1995), mas que, por características próprias da língua espanhola (traço +hum), exigem a preposição ‘a’ (cf. Diccionario Esencial..., 1991). Essas transferências – juntamente às expressões ‘sair a’ e ‘ir a’, que pouco ocorrem, nem aparecendo no Subgrupo C – são as únicas tipicamente espanholas na análise presente.

RESUMINDO, o presente capítulo começa pela análise geral dos questionários, passando em seguida pela investigação dos dois grupos de controle (Grupo 1: IL1 e PL2; e Grupo 2: EL1 e PL2), em que se faz uma avaliação qualitativa das transferências mais comuns – agrupadas por verbos-chave, com exemplos e explicações – e de onde se extraem as matrizes (padronizações dos problemas recorrentes nos textos).

Com esses padrões, as redações do grupo-alvo (Grupo 3: IL1, EL2 e PL3) são analisadas quantitativamente – separadas por subgrupo de domínio do espanhol (C-baixo, B-médio e A-alto) –, visando à verificação da hipótese de trabalho. Os dados são distribuídos entre os verbos das matrizes para, então, serem calculados os totais de transferências, por tipo (inglês, espanhol e neutralizadoras) em C, B e A. Estes são transformados em índices e, posteriormente, comparados transversalmente.

Tal análise revela que, embora as transferências do espanhol aumentem à medida que cresce o domínio da L2, isso se dá discretamente, pois o inglês L1 continua a exercer influências sobre o português, revelando sua força como língua materna no uso da regência verbal. Esse resultado confirma, portanto, parte da hipótese inicial.

Reforçam a importância tanto do inglês (L1) quanto do espanhol (L2) na transitividade dos verbos em português (L3) as respostas da atividade

complementar, que, associadas a uma análise qualitativa do grupo-foco, geram algumas informações importantes para a formulação de uma proposta/ação pedagógica de ensino de PLE para esse grupo específico de alunos.